



Suicídio: A Família e os Impactos Psicológicos dos Enlutados

*Ane Marli Dantas da Silva¹; Letícia Vieira Prado ²; Maria do Socorro Queiroz³;
Luanna Joyce Viana ⁴; Francisco José Lopes Cajado⁵*

Resumo - A prática do suicídio atinge atualmente a totalidade das camadas sociais em todas as partes do mundo, não prevalecendo idade, sexo, cor, raça, etnia, credo, religião, classe social ou condição financeira. Muitos são os motivos que leva a pessoa a cometer o suicídio. Quando o ato se consuma, os membros da família enfrentam uma maratona de sofrimentos psicológicos de todas as ordens, pela dor da perda do ente querido. A pesquisa foi realizada através de buscas nos sites PubMed, Scielo Brasil e Google Acadêmico com os descritores suicídio e impactos psicológicos em artigos em língua portuguesa e inglesa. Foram selecionados vinte e sete trabalhos acadêmicos com informações relevantes que estão contidas neste trabalho e excluídos trabalhos com período de publicação superior a cinco anos, exceto obras que continham informações relevante e temporais. Os fatores para o cometimento do suicídio são notados no seio familiar, normalmente após os familiares sofrem com a perda de seus entes e por diversas motivações. A partir de então o sentimento de perda, de revolta, de desespero, de angústia e de raiva se instaura entre as pessoas, causando comoções diversas. Desta forma, esse trabalho objetivou analisar as questões inerentes as particularidades que envolvem o sofrimento da família enlutada, buscar entendimentos sobre as causas que levam as pessoas a se suicidarem, além de enfatizar acerca do papel do psicólogo na promoção de ações que possam amenizar o sofrimento da família.

Palavras-chave: Morte. Família. Suicídio. Depressão.

¹ Bacharel em Direito pelo Centro Universitário de Desenvolvimento do Centro Oeste. e Mestre em Educação pela Absolute Christian University. andantas56@gmail.com;

² Bacharel em Psicologia e Especialista em Psicologia e Saúde Mental pelo Centro Universitário Maurício de Nassau – Uninassau. psicoleticiaprado@gmail.com;

³ Psicóloga e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. msqueiroz26@hotmail.com;

⁴ Psicóloga e Especialista em Saúde Mental pela Unicatólica de Quixadá. luanajv1@hotmail.com;

⁵ Biólogo e Doutor em Biotecnologia pela Universidade Federal do Ceará. lopesbio@yahoo.com.br.

Suicide: The Family and the Psychological Impacts of the Bereaved

Abstract - The practice of suicide currently affects all social strata in all parts of the world, regardless of age, sex, color, race, ethnicity, creed, religion, social class or financial condition. There are many reasons why people commit suicide. When the act is consummated, the family members face a marathon of psychological suffering of all kinds, due to the pain of losing the loved one. The research was carried out through searches on PubMed, Scielo Brasil and Google Scholar websites with the descriptors suicide and psychological impacts in articles in Portuguese and English. Twenty-seven academic works with relevant information contained in this work were selected and works with a publication period of more than five years were excluded, except works that contained relevant and temporal information. The factors for committing suicide are noted within the family, usually after family members suffer from the loss of their loved ones and for various reasons. From then on, the feeling of loss, revolt, despair, anguish and anger is established among people, causing different emotions. In this way, this work aimed to analyze the issues inherent to the particularities that involve the suffering of the bereaved family, to seek understandings about the causes that lead people to commit suicide, in addition to emphasizing the role of the psychologist in promoting actions that can alleviate the suffering. of the family.

Keywords: Death. Family. Suicide. Depression.

Introdução

Vida e Morte sempre interrogaram médicos, filósofos e psicólogos. Quase sempre, falar de vida representa leveza, no entanto, falar de morte ou do morrer é assunto penoso e pesado, mesmo quando a morte é dita natural. O suicídio não é considerado uma morte natural; na verdade, o suicídio é rodeado de tabus, segredos e interrogações, e isto, certamente, é fonte de variados sofrimentos psíquicos.

A cada vez que uma pessoa tenta contra a própria vida, abre-se um leque de especulações e possíveis explicações, sempre voltadas em última instância para excesso de amor ou falta dele.

O suicídio é compreendido como uma vontade lúcida de dar fim a própria vida sem interferência de terceiros. Segundo a Associação Brasileira de Psiquiatria, pode ser considerado um ato deliberado realizado pela pessoa cujo projeto é morrer (ABP, 2014). Assim, pode-se compreender que o suicídio é uma ação cometida por uma pessoa como uma atitude proposital premeditada.

Nesse contexto, as ações que levam ao suicídio podem ser delineadas de forma consciente e intencional, embora raramente o indivíduo se encontre em um estado de ambivalência, vez que este de algum modo, já decidiu morrer.

É importante lembrar que as tentativas de suicídio podem ser consideradas como atos intencionais de autoagressão que não resultam em morte, no entanto, possivelmente, é um acontecimento extremamente desorganizador do ponto de vista psíquico. Em conformidade com Félix (2016, p. 9), “é necessário reconhecer os fatores determinantes ou de risco que tem contribuído para a elevação dos índices de morbimortalidade para este agravo. Isso evoca um novo olhar sobre as políticas públicas e sua efetividade nas populações vulneráveis”

Por sua vez, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o suicídio pode produzir sequelas emocionais e psicológicas entre cinco e dez pessoas, as quais são impactadas nos aspectos social, emocional e econômico. É importante analisar as possíveis causas em que os enlutados carregam marcas, como sentimento de culpa, vergonha e a dificuldade de retomarem suas atividades (OMS, 2018). Ainda segundo a OMS, o suicídio vem aumentando nas últimas décadas e está elencado como umas das principais causas de morte em todo o mundo. Todos os anos, mais pessoas morrem como resultado de suicídio do que HIV, malária, câncer de mama, guerras ou homicídios, sendo que no ano de 2019 mais de 700 mil pessoas morreram, ou seja, uma em cada cem mortes por conta do acometimento de suicídio (OMS, 2018).

Podemos pensar que em um mundo altamente competitivo, onde as pessoas encontram poucas oportunidades de trabalho, de lazer, o enfrentamento frente à violência, dissabores com familiares, traição conjugal, dentre outros, os sinais de angústia e desesperança podem se tornar um fator recorrente na vida das pessoas, podendo influenciar na tomada de decisão do cometimento de suicídio. O suicídio é, portanto, um tema amplamente estudado e com preocupações globais, tendo em vista que este é uma adversidade de saúde pública (BARROS SILVA, 2022).

As ações praticadas pelos suicidas, quando são bem-sucedidas, inevitavelmente, deixam uma enormidade de sequelas psicológicas nos familiares enlutados, causando no seio familiar uma série de mazelas que proporcionam marcas indeléveis no estado emocional desses indivíduos, necessitando os mesmos de acompanhamento especializado, no sentido de abrandar tais dissabores.

Quando se refere a perda de um ente querido por suicídio, alguns comportamentos são manifestados nos familiares que, no caso, não se representa só aquela perda, mas tudo que ainda

se imaginava vivenciar com aquela pessoa que se suicidou e todas as vivências que foram compartilhadas. As famílias que vivenciam o luto por suicídio, geram inúmeros pensamentos e sensações que atinge todos os familiares, porém cada família lida de uma forma diferente e única (OSMARIN, 2015).

Mesmo que as pessoas passem por alguns estados de luto, como negação, raiva, barganha, depressão e aceitação, é importante destacar, que não necessariamente precisa seguir a sequência das fases do luto, mas que o enlutado vivencia ao menos dois desses processos ou experimenta diversos estados emocionais ao longo de um dia, por exemplo. Porém, devemos ressaltar, que muitos ficam imobilizados em uma das fases e é válido ressaltar que o luto não se manifesta só através da melancolia podendo ter consequências imensuráveis na vida do indivíduo como uma doença orgânica entre outros fatores (OSMARIN, 2015).

Frente ao exposto, os membros da família enlutada, para que possam de uma forma menos contundente enfrentar essa fase tão complexa e difícil, faz-se necessário o desenvolvimento de ações, por parte dos profissionais de saúde, mais especificamente o profissional psicólogo, no sentido de usar subsídios que viabilizem um melhor acompanhamento, proporcionando apoio, aconselhamentos, procedimentos terapêuticos, além de conversação que gere um maior conforto para que possam ultrapassar sem maiores sequelas essa fase tão repentina em suas vidas.

Nesse arcabouço, é relevante, apresentar algumas estratégias de enfrentamento frente a perda por meio do suicídio. Desta forma, se faz necessário trabalhar com os enlutados, toda atividade exercida após essa morte, sendo uma estratégia de prevenir outras gerações de suicídio, mostrando para os enlutados que existem outras saídas e que a culpa pelo o que ocorreu é um episódio fora do controle dos envolvidos nesse processo de luto.

O Suicídio: Conceito e considerações

A palavra suicídio tem origem latina composta por *sui* (si mesmo) e *caederes* (ação de matar). A sua empregabilidade teve seu início por volta de 1937, pelo francês René Louiche Desfontaines. Desde então, tal palavra é utilizada para designar a ação de pessoas que se matam deliberadamente (KUCZYNSKI, 2014). Em conformidade com Santana (2015, p. 47), “suicídio é um fenômeno que atravessa a história da humanidade e a cada época existem formas diversificadas de compreender esse ato”. Vale ressaltar que tal temática sempre esteve presente desde “os mitos sobre a criação do mundo e também em livros sagrados como a Bíblia e o

Alcorão”. (SANTANA et al., 2015, p. 47), até nos tempos pós-modernos em debates éticos sobre o direito ao suicídio assistido.

Como se pode perceber, o ato de suicidar-se acompanha a humanidade através dos tempos e permanece até os dias atuais, sofrendo diferenciações nas interpretações e na maneira como se lida com essas situações. Tais diferenciações podem ser notadas nas palavras de Bandeira (2017), quando a autora afirma que ao se abordar o assunto suicídio percebe-se uma variação desde o seu comportamento de repressão e condenação, passando pela tolerância e exaltação. Ainda segundo a autora, o suicídio ganhou uma maior conotação a partir do século XX, quando a psiquiatria, a sociologia e a psicologia passaram a interessar-se pela temática, elevando os estudos sobre as suas particularidades.

Ainda sobre os aspectos históricos acerca do suicídio, observa-se que na antiguidade muitas pessoas acreditavam que a morte poderia trazer uma perspectiva de vida futura. Porém, o ato de suicidar-se trazia grandes comoções nos familiares enlutados, causadas pela dor iminente da separação.

Nos dias atuais o suicídio ainda se configura como um dos mais graves problemas sociais e de saúde mental, e, considerando o período pandêmico que ainda atravessamos, vimos o grande número de pessoas afetadas em todo o mundo, provocando o aumento nos números de casos de suicídio e tentativas de suicídio. As determinações impostas pelas autoridades sanitárias de isolamento social, podem provocar distúrbios mentais de todas as ordens, conforme notícias publicadas em jornais de todo o mundo. Para Faro (2020, p. 2), “Os impactos da pandemia de COVID-19 na saúde mental podem apresentar desde reações normais e esperadas de estresse agudo por conta das adaptações à nova rotina, até agravos mais profundos no sofrimento psíquico”.

São em grande número os fatores de riscos que podem levar a pessoa a cometer o suicídio. Para Fukumitsu et al. (2015), dentre os fatores mais reconhecidos tem-se a situações em esses indivíduos se sentem irritados ou mau humorados, depressivos, variando com grande tempo de isolamento social, comportamento hostil ante à família e aos amigos mais próximos, baixo ou nenhum comprometimento escolar, acompanhado de queda expressiva do rendimento, aumento no consumo de substâncias psicotrópicas (alucinógenos, antipsicóticos, antidepressivos e estimulantes), violência física, atividade sexual imprudente e fugas de casa, fatores esses que podem causar um abalo emocional nos familiares.

Muitos são os estudos inerentes à temática sobre o suicídio, e de como essa situação calamitosa é enfrentada pela família enlutada. Para Fukumitsu (2015, p. 42) “[...] existem vários

tipos de suicídio – os planejados, os impulsivos, os que não ofereceram nenhuma pista e os que assinalaram que a morte poderia acontecer”. Em 97% dos casos, segundo vários levantamentos internacionais, o suicídio é um marcador de sofrimento psíquico ou de transtornos psiquiátricos (SANTOS, 2019).

No Brasil, entre os anos de 2007 e 2016 foram descritos 106.374 óbitos pelo suicídio (BRASIL, 2019). Também são em grande número as dificuldades por que passam os membros familiares nessa fase tão complexa, onde o sentimento de culpa, a ansiedade, a raiva, o desespero e a tristeza são comuns no dia a dia dessas pessoas, no entanto, cada família desenvolve sentimentos diferenciados, de acordo com o grau de proximidade que se tinha com o falecido (KOVÁCS, 2013).

No instante em que uma determinada pessoa resolve tirar a própria vida, ocorre uma série de situações angustiantes nos membros da família, causando desconforto e desgostos dos mais variados tipos, na busca pelo entendimento dos motivos pelos quais levaram a pessoa a cometer o ato (KREUZ; ANTONIASSI, 2020).

É natural que após a perda de alguém por suicídio as pessoas mais próximas sintam sentimentos de falta e até desestruturação, impactando na rotina familiar. Dessa forma, geralmente, questionamentos infundáveis e pressupostos julgamentos, além do sentimento de culpa, vergonha e raiva, dentre outras situações de mal-estar (SCOPEL, 2022).

O suicídio é uma morte violenta e repentina, revelando-se como um fenômeno complexo e multifatorial, que proporciona diversos traumas psicológicos para os que vivenciam a tragédia, ocasionando um luto angustiante. Os membros da família enlutada lidam cotidianamente com o sofrimento causado pela perda do seu ente querido.

O luto pode ser causado pelas diversas formas de suicídio, dentre elas podem ser destacadas: enforcamento, uso de arma de fogo, envenenamento, intoxicação por fumaça/fogo e precipitação de altura. Essas fatalidades podem causar abalos emocionais que demanda bastante tempo para que a família possa se recuperar do trauma sofrido pela perda de um dos seus membros de forma trágica.

Segundo Fukumitsu e Kovács (2016), o suicídio não vitimiza apenas o autor do ato em si, mas provoca uma ação que ocasiona o sofrimento dos familiares que o experienciam.

Quando o vínculo afetivo se estabelece na família, com maior ou menor grau entre seus membros, a tragédia do suicídio ocorre de forma diferenciada. Aqueles que vivenciavam o dia a dia da pessoa vitimizada com maior proximidade e frequência, poderão sofrer com maior

intensidade, tendo-se em vista a forma direta e constante de convivência com suicídio (MELO et al, 2018).

Em consonância com os estudos realizados por Tavares (2013), pode-se entender que os familiares enlutados são considerados sobreviventes da tragédia, tendo suas vidas preservadas, no entanto os resultados trazidos pelo suicídio ficarão marcados como uma tragédia dolorosa por toda a vida no seio familiar.

São diversificadas as consequências que as famílias enfrentam quando da morte por suicídio de um dos seus membros, principalmente no que se refere à fase idosa, quando a vivência familiar está totalmente consolidada. Nesse episódio os envolvidos buscam um entendimento para o ocorrido sem conseguirem absorver a real causa e necessidade do ato consumado.

Sobre esses aspectos, um estudo desenvolvido por Figueiredo et al. (2012) em âmbito nacional, envolvendo as cinco regiões do Brasil (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul), em dez cidades, e, utilizando a “autopsia psicossocial”, buscaram compreender e analisar de que forma os membros familiares lidam com esse tipo de perda repentina por suicídio nos idosos.

Os resultados de tal estudo mostraram que as famílias enlutadas demonstraram surpresa e profundo sofrimento em decorrência da morte da pessoa idosa, o que influi e tem repercussões na sua dinâmica e no âmbito individual.

Esses procedimentos proporcionaram aos autores o entendimento de que “a amplitude desses impactos é da mais alta importância para pensarmos programas de atenção aos familiares, fato que até o momento não vem sendo levado em conta pelos serviços de saúde” (FIGUEIREDO et al., 2012, p. 1994).

Na terceira idade, um dos fatores que mais podem estar associados ao suicídio, em conformidade com a Organização Mundial de Saúde (OMS), é a depressão, sendo a utilização indevida de medicamentos uma das causas mais contumazes que culminam com esse episódio em pessoas idosas (OMS, 2006).

O fato é que o poder público, a sociedade em geral e principalmente a família deveriam mobilizarem-se no propósito de encontrar alguma diretriz que possa prestar ao idoso um apoio, quando notarem o menor sinal de sentimento suicida. “Assim, intervenções dos sistemas de saúde e de assistência social de diferentes modalidades e abrangência podem ser eficazes no sentido de protegê-los e tornar a sua vida útil e saudável” (FIGUEIREDO, 2012, p. 2000). Dessa forma, poderia se evitar um grande número de suicídios nessa modalidade.

São diversificados os fatores que levam uma pessoa a cometer suicídio. Muitos autores designam algumas possibilidades para que ocorra essa fatalidade e relatam sobre os sentimentos que as pessoas nutrem quando tal fato ocorre no seio familiar. Diante de tal situação, muitos familiares quando se sentem angustiados e deprimidos com o ocorrido, procuram ajuda psicológica junto a profissionais de saúde que atuam nessa área, além de grupos de apoio que promovem ações que possam amenizar esses conflitos psicológicos.

Um desses grupos foi o motivo da elaboração de um trabalho publicado por Kreuz e Antoniassi (2020), quando as mesmas objetivaram descrever acerca do processo de construção e manejo de um grupo para a prestação de serviços de apoio psicológico aos sobreviventes pelo suicídio na cidade de Maringá-PR. Na ocasião as autoras empreenderam ações que pudessem viabilizar o entendimento sobre a finalidade do grupo enquanto espaço de troca e suporte para o enfrentamento deste tipo de luto. O principal objetivo do grupo deste é promover o apoio psicoeducacional pós trauma das pessoas enlutadas, sendo admitida a participação de pessoas de todas as idades, com exceção de crianças. Trata-se de uma organização promovida por duas doutoras em psicologia, com experiência clínica. Os procedimentos são delineados na prevenção e posvenção do suicídio, sendo a escuta o procedimento mais admitido, além de direcionamento e acolhimento.

Os estudos realizados pelas autoras, junto ao citado, grupo demonstraram que existe a realização de reuniões mensais, liberadas para toda a comunidade de pessoas sobreviventes e enlutados pelo suicídio, de caráter gratuito, não havendo necessidade de inscrição, sem nenhuma discriminação religiosa, onde cada reunião dura cerca de duas horas e trinta minutos. Segundo as autoras, “a realização destes grupos de apoio tem demonstrado que são recursos importantes de acesso, resgate e acolhimento de pessoas em momentos de vulnerabilidade, proporcionando reconhecimento e legitimidade ao sofrimento que estão enfrentando” (KREUZ; ANTONIASSI, 2020, p. 11).

Em detrimento de um acompanhamento psicológico e alternativo, esses grupos de apoio são de grande importância, pois podem amenizar o sofrimento causado pela perda. A possibilidade dessas pessoas falarem sobre o ocorrido e receberem um amparo delineado por um profissional psicólogo, pode trazer alento e conforto para os familiares enlutados. Portanto, o profissional de saúde deve se preparar para oferecer apoio emocional às pessoas enlutadas, propiciar um ambiente para o apoio, identificar as que mais precisam de ajuda e providenciar-lhes o atendimento apropriado (GREFF, 2020).

Como já visto em estudos anteriores, são em grande número os fatores que podem desencadear nas pessoas a vontade de se suicidar. Nos dias atuais, em decorrência da pandemia causada pelo Corona Vírus, essa pode ser mais uma percepção sobre a causa de mortandade. A “obrigatoriedade” de ficar em casa, principalmente o público com idade mais avançada, pode trazer sintomas como ansiedade, depressão, estresse, solidão, sendo esses os principais fatores que podem desencadear o pensamento suicida.

Sobre esses aspectos, um estudo realizado recentemente pelos autores Nascimento e Maia (2021), objetivou buscar informações, por meio de uma pesquisa bibliográfica, acerca do aumento de suicídios durante a citada pandemia e quais os fatores mais preponderantes para que essa fatalidade ocorresse. Para tanto, pesquisaram em trinta e sete estudos disponibilizados em sites como, PubMed e SciELO, durante o período compreendido entre 2020 e 2021.

Segundo os autores, o pensamento suicida durante a pandemia está atrelado a fatores intrínsecos ao isolamento social, à solidão, ao desemprego, uso exacerbado de álcool, violência doméstica, dentre outros (NASCIMENTO; MAIA, 2021). Em consonância com os resultados obtidos no referido estudo, Schuck et al., (2020), inferem que: a pandemia de COVID-19 não só desencadeou inúmeras consequências políticas e econômicas no mundo todo, mas também afetou fortemente a saúde mental da população. Nesse contexto, preocupa-se com o aumento no número de suicídios, atentando-se aos principais grupos de risco como indivíduos com transtornos psiquiátricos, idosos e profissionais da saúde.

Nesses pressupostos, é notório que o suicídio durante a pandemia da COVID-19 tem origem multifatorial. O isolamento social provocado pela restrição imposta pela pandemia trouxe uma gama considerável de sentimentos que desencadeiam o pensamento de tirar a própria vida. A modificação repentina na rotina de vida, principalmente para aqueles que são predispostos a cometer suicídio, pode ser a causa principal para a aceleração desse processo durante a pandemia. Assim, o processo de recuperação psicológica de familiares por ter perdido um ente querido em decorrência de suicídio é gradativo e lento. Para Rocha e Lima (2019, p. 323), “por ser uma morte repentina e violenta, o suicídio causa grande sofrimento e exige dos sobreviventes muita energia psíquica para elaborar o luto”.

Nesse arcabouço, a atuação do psicólogo pode ser de grande valia no que tange a amenização da dor sofrida pela perda do familiar suicidado. Sobre a importância dos cuidados delineados pelo profissional a esse grupo de pessoas, um estudo foi publicado pelas autoras Rocha e Lima (2019) supracitadas. Na ocasião as autoras objetivaram demonstrar as

particularidades que envolvem o processo de enlutamento das famílias. Para tanto realizaram uma pesquisa bibliográfica integrativa em várias obras que discorrem sobre a temática em foco.

Os resultados da pesquisa demonstraram que as famílias enlutadas “vivenciam sentimentos particulares a esta forma de luto, como vergonha e culpa, bem como sentimentos presentes no luto por outros tipos de morte, como tristeza e saudade” (ROCHA; LIMA, 2019, p. 323).

A pandemia de COVID-19 não só desencadeou inúmeras consequências políticas e econômicas no mundo todo, mas também afetou fortemente a saúde mental da população. Nesse contexto, preocupa-se com o aumento no número de suicídios, atentando-se aos principais grupos de risco como indivíduos com transtornos psiquiátricos, idosos e profissionais da saúde.

Nesses pressupostos, é notório que o suicídio durante a pandemia da COVID-19 tem origem multifatorial. O isolamento social provocado pela restrição imposta pela pandemia trouxe uma gama considerável de sentimentos que desencadeiam o pensamento de tirar a própria vida. A modificação repentina na rotina de vida, principalmente para aqueles que são predispostos a cometer suicídio, pode ser a causa principal para a aceleração desse processo durante a pandemia. Assim, o processo de recuperação psicológica de familiares por ter perdido um ente querido em decorrência de suicídio é gradativo e lento. Para Rocha e Lima (2019, p. 323), “por ser uma morte repentina e violenta, o suicídio causa grande sofrimento e exige dos sobreviventes muita energia psíquica para elaborar o luto”.

Nesse arcabouço, a atuação do psicólogo pode ser de grande valia no que tange a amenização da dor sofrida pela perda do familiar suicidado. Sobre a importância dos cuidados delineados pelo profissional a esse grupo de pessoas, um estudo foi publicado pelas autoras Rocha e Lima (2019) supracitadas. Na ocasião as autoras objetivaram demonstrar as particularidades que envolvem o processo de enlutamento das famílias. Para tanto realizaram uma pesquisa bibliográfica integrativa em várias obras que discorrem sobre a temática em foco.

Os resultados da pesquisa demonstraram que as famílias enlutadas “vivenciam sentimentos particulares a esta forma de luto, como vergonha e culpa, bem como sentimentos presentes no luto por outros tipos de morte, como tristeza e saudade” (ROCHA; LIMA, 2019, p. 323).

Sobre a questão das ações de posvenção do psicólogo, em conformidade com as autoras, a prestação de apoio e acompanhamento torna-se de fundamental importância para aliviar a dor dos familiares, além de prevenir futuras tentativas de suicídio para esse grupo. A elaboração do

luto dos sobreviventes constitui-se em um ato de cooperação dos profissionais envolvidos na área da saúde mental.

Os jovens estão no grupo em que o suicídio vem aumentando a cada dia, não apenas no Brasil, mais em vários países do mundo. De acordo com o Ministério da Saúde, o suicídio é a quarta principal causa de mortandade de jovens na faixa compreendida entre 15 e 29 anos de idade (BRASIL, 2017).

Nesses pressupostos, um estudo publicado por Santos Júnior (2020), relata que são em grande número as causas que levam crianças e adolescentes a cometer suicídio, sendo as mais comuns a depressão, psicose, ansiedade, bipolaridade, fim de relacionamentos amorosos, consumo de álcool em excesso, além de drogas, *bullying*, violência sexual e doméstica.

Quando isso ocorre, os familiares enlutados passam a sofrer problemas emocionais e psicossociais de diversas ordens. A dificuldade da perda constitui-se em uma terrível e profunda dor incessante. Em consonância com a Organização Mundial da Saúde (OMS) para cada suicídio, surgem consequências emocionais, sociais e econômicas diretamente, em cerca de cinco a seis pessoas próximas ao falecido (OMS, 2000).

O fato é que as redes sociais na atualidade exercem grande influência nos jovens ávidos por novas descobertas e, dessa forma, estão sujeitos a sofrerem o chamado *cyberbullying*. Essa modalidade de *bullying* promove o anonimato do agressor, podendo o mesmo extrapolar o limite do imaginável, possibilitando ao mesmo um campo protetor, onde não sofre qualquer pena. Na vítima, as consequências são extremamente desagradáveis podendo causar sequelas psíquicas de diversas ordens, e até mesmo levar a cometer o suicídio (SANTOS JÚNIOR, 2020).

Na família enlutada pode provocar sentimento de culpa, impotência e autoacusaçã, associados a intenso sofrimento psíquico e sintomas de depressão, ansiedade e trauma são recorrentes nesses enlutados (MAGALHÃES, 2019).

Assim, pode-se entender que o luto dos familiares não se constitui em apenas um momento de sérias dificuldades psicológicas. Segundo Botega (2015), trata-se de um momento de profunda crise emocional que acarreta desequilíbrio de todas as ordens, quer sejam pessoais, profissionais, familiares ou sociais, necessitando que as pessoas enlutadas possam obter recursos e tempo para que se recuperem desses momentos traumáticos por que passam.

Considerações Finais

Os índices do suicídio ocorrem por uma probabilidade maior ou menor de aproximação em que o suicida tinha com a sociedade. No momento em que uma pessoa comete o suicídio, compreende-se que ela se suicidou por muitos motivos como o desespero impulsivo ou premeditado.

Esses fatores são notados no seio familiar quando os membros mais próximos sofrem com a perda dos entes que cometem suicídio por qualquer motivo. A partir de então o sentimento de perda, de revolta, de desespero, de angústia e de raiva se instaura entre as pessoas, causando comoções e todos os tipos.

O presente estudo objetivou analisar as questões inerentes as particularidades que envolvem o sofrimento da família enlutada, além de entender sobre as causas que levam as pessoas a se suicidarem, bem como as ações delineadas pelos profissionais de saúde, mais especificamente o psicólogo, com vistas a tratar as questões inerentes ao sofrimento dos entes familiares ante o luto inesperado.

Referências

Associação Brasileira de Psiquiatria [ABP]. (2014). **Suicídio: informando para prevenir**. Brasília, DF: CFM/ABP.

BARROS SILVA, M.E.W. de et al. Impactos na saúde mental dos profissionais de saúde atuantes na linha de frente a pandemia do COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 3, p. e18011326491-e18011326491, 2022.

BANDEIRA, M.A.D. Reflexões sobre a atuação do psicólogo junto aos pacientes com tentativa de suicídio. **Amazônia: Science & Health**, v. 5, n. 3, p. 22-29, 2017.

BOTEGA, N.J. **Crise suicida**. Artmed Editora, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim epidemiológico**. Suicídio: tentativas e óbitos por intoxicação exógena no Brasil, 2007 a 2016, v.50, n.15, junho, 2019. Disponível em: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2019/julho/17/2019-014-Publicacao-0207.pdf>.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Sim/ Datasus**. 2017. Disponível em: <http://datasus.saude.gov.br/>

FARO, A. et al. COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. **Estudos de psicologia (Campinas)**, v. 37, 2020.

FÉLIX, T.A. Fatores de risco para a tentativa de suicídio em um hospital de referência da mesorregião Noroeste do Ceará: estudo caso-controle. **Dissertação** (Mestrado). Universidade Federal do Ceará. Campus de Sobral. Curso de Medicina. Pós-Graduação em Saúde da família. 2016.

FIGUEIREDO, A.E.B. et al. Impacto do suicídio da pessoa idosa em suas famílias. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, p. 1993-2002, 2012.

FUKUMITSU, K.O. et al. Posvenção: uma nova perspectiva para o suicídio. **Revista Brasileira de Psicologia**, v. 2, n. 2, p. 48-60, 2015.

FUKUMITSU, K.O.; KOVÁCS, M.J. Especificidades sobre processo de luto frente ao suicídio. **Psico**, v. 47, n. 1, p. 3-12, 2016.

GREFF, A.P. et al. **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: suicídio na pandemia COVID-19**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020. 24 p. Cartilha.

KOVÁCS, M.J. Revisão crítica sobre conflitos éticos envolvidos na situação de suicídio. **Psicologia: teoria e prática**, v. 15, n. 3, p. 69-82, 2013.

KREUZ, G.; ANTONIASSI, R.P.N. Grupo de apoio para sobreviventes do suicídio. **Psicologia em estudo**, v. 25, 2020.

KUCZINSKY, Evelyn. Suicídio na infância e na adolescência. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 25, n. 3 p. 246-253, 2014.

MAGALHÃES, K. de S. Doenças crônicas não transmissíveis e sua relação com o comportamento suicida no contexto hospitalar: percepções dos profissionais de saúde. 2019. 127 f. **Dissertação (Mestrado em Saúde Pública)** - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019.

MELO, A.K. et al. Atuação do psicólogo no hospital geral com pacientes de tentativa de suicídio: estudo fenomenológico. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 31, n. 4, 2018.

NASCIMENTO, A.B.; MAIA, J.L.F. Comportamento suicida na pandemia por COVID-19: Panorama geral. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 5, p. e59410515923-e59410515923, 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS. **Dados de suicídio relatados por países**. 2018. Disponível em: https://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/countrydata/en/.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. Saúde mental da mulher: uma revisão baseada em evidências. **Determinantes de Saúde Mental e Populações**. Departamento de Saúde Mental e Dependência de Substâncias. 2000. Disponível em: http://www.who.int/mental_health/media/en/67.pdf

OSMARIN, V.M. Suicídio: o luto dos sobreviventes. **Conselho Federal de Psicologia**, p. 45-58, 2015.

ROCHA, P.G.; LIMA, D.M.A. Suicídio: peculiaridades do luto das famílias sobreviventes e a atuação do psicólogo. **Psicologia Clínica**, v. 31, n. 2, p. 323-344, 2019.

SANTANA, C. B. et al. A história da morte no ocidente e o contexto social como fator de risco para o suicídio. **Rev. Ambiente acadêmico**, v. 1, n. 2, 2015.

SANTOS, C.V.M. dos. Sofrimento psíquico e risco de suicídio: diálogo sobre saúde mental na universidade. **Revista do NUFEN**, v. 11, n. 2, p. 149-160, 2019.

SANTOS JÚNIOR, P.M. dos. Menoridade e ameaça na belle époque manauara, 1906 a 1917. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 13, n. 25, p. 120-146, 2021.

SCHUCK, F.W. et al. A influência da pandemia de COVID-19 no risco de suicídio. **Brazilian Journal of health Review**, v. 3, n. 5, p. 13778-13789, 2020.

SCOPEL, L.D.T.; CONTE, R.F. Posvenção com pais enlutados: uma estratégia de cuidado no contexto do suicídio. **Psi Unisc**, v. 6, n. 1, p. 98-109, 2022.

Como citar este artigo (Formato ABNT):

SILVA, Ane Marli Dantas da; PRADO, Letícia Vieira; QUEIROZ, Maria do Socorro; VIANA, Luanna Joyce; CAJADO, Francisco José Lopes. Suicídio: A Família e os Impactos Psicológicos dos Enlutados. **Id on Line Rev. Psic.**, Fevereiro/2023, vol.17, n.65, p. 431-444, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 01/02/2023; Aceito: 15/02/2023; Publicado em: 28/02/2023.